

A N T E R O

AINDA não vão longe os écos da recente consagração á memoria do maior pensador português moderno, do poeta admiravel dos *Sonetos* que em prosa e rima, expôz e definiu as mais elevadas concepções da filosofia e da sciencia, para alem do que ao homem é possível explicar com precisão.

Com a consagração do poeta, erigindo a máscara torturada do pensador profundo — um pedaço de psicologia que o artista transpôz á pedra — sobre um blóco de mármore, de nobre e moderna traça, parece que de um certo modo e em boa parte, foi cumprida a antiga intenção, de portuguezes de terras do Continente e dos Açores, de homenagear a memória illustre de Antéro de Quental levantando-lhe um monumento que dignamente a perpetuasse. De facto este compromisso em aberto de ha muito, afigurava-se-nos tanto mais superiormente imperioso de solução, quanto nesta Terra do Santo Condestavel abundam bastantemente os mármores comemorativos de personalidades *em destaque*, mas que, para honra de Portugal uma boa parte dos portuguezes assim não considera, ou esquecerá com o tempo, a pouco e pouco, a memória desses idolos de pedra e de pensamento quasi sempre falso e vão.

Congratulemo-nos pois com esta recêntissima consagração ao génio do pensador e do filósofo levantando-se em nossos dias, num recanto ensombrado do Jardim da Estrela, um pequeno mas nobremente significativo monumento, em memória duma das maiores vitimas da *incerteza em Deus* que a filosofia materialista do século XIX pretendia admitir e estabelecer.

*

A vida de Antéro foi toda de tragédia, de incerteza, um emaranhado de duvida e de pessimismo. Vivendo numa rara inquietação mental, numa pesquisa tenacissima da verdade eterna e social, Antéro fornece-nos realmente um exemplo do curioso paralelo em que, como escreveu Antonio Sardinha, «pela primeira vêz entre nós, no drama duma intelligência, se vivia é agitava o drama de um século inteiro, na sua ânsia de emancipação e na sua simultânea impossibilidade reconstrutora». O poeta-pensador foi pois, mais do que nenhum outro português, tristemente vitima do século de renovação intensa, viciosa e corruptora em que viveu, que a sua irrequieta geração como o proprio Antéro confessa na conhecida carta auto-biográfica datada de maio de 1887 dos Açores a Wilhelm Storck, foi de todas «a primeira em Portugal que saiu decididamente e consciêntemente da velha estrada da tradição».

Educado cristãmente nas velhas tradições católicas dos seus maiores, toda a evolução para a *duvida* se deu porem rapidamente ao tomar contacto com a renovadora mocidade universitária do seu tempo, arrancado como foi, do viver quasi patriarcal — escreve ainda Antéro na sua auto-biografia — de uma provincia remota e imersa no seu plácido sono histórico, para o meio da irrespeitosa agitação intelectual de um centro, onde mais ou menos vinham repercutir-se as desencontradas correntes do espirito moderno. E assim Antéro que nascera cristão e católico duma das mais antigas familias morgadias estabelecida desde os primeiros tempos da colonização, na velha donataria do duque de Coimbra, assaltado atrozmente pela incerteza, lança-se numa campanha inquietante e angustiosa e toda a sua existencia foi realmente a dum verdadeiro e audaz «pesquisador de Todo-o-Saber».

Uma vida de tortura foi a sua, na expressura intensa da dúvida do filósofo, tanto mais trágica e terrível quanto, é o proprio Antéro que ainda nos elucida, «espirito naturalmente religioso tinha nascido para crer placidamente e obdecer sem esforço a uma regra reconhecida». E assim Antéro que nascera cristão e católico vagueou a vida inteira em busca da verdade, ora crendo na *inteligência* capaz de expôr e definir os magnos problemas da Creação, ora reconhecendo finalmente que «a inteligência humana é fraca e acanhada de mais para poder compreender, dominar e governar cousa tão complexa como é o homem». E acrescentava «o instinto, afinal, valia muito mais para esse fim». E Antéro que nascera católico, parece ir depois em procura do velho budismo asiático, mas inteligência criadora e ocidental, afasta-se para bem longe daquela noção do *bem estar* que os budistas creem atingir pela inexistencia, pelo não-ser, definindo com grandeza aquilo a que chamou a *impersonalidade*, em carta a Jaime de Magalhães Lima em maio de 1888: — «Vivendo (o homem) cada vez mais para os outros, sentindo morrer em cada dia dentro de si mais uma parcela do *eu* egoista que tanto nos ilude, tanto nos faz sofrer e errar, irá entrando gradualmente naquela região da *impersonalidade* que é a verdadeira beatitude». Como estamos longe do Nirvana oriental, como a personalidade de Antéro define e consegue vincar, na sua filosofia o sulco eterno da civilização do Ocidente, a que melhor compreendeu, em nosso entender, a doutrina prégada por Cristo em terras remotas da Judeia ha mais de dezenove séculos.

*

No campo da sciência politica Antéro fornece-nos ainda conceitos modernos do pensamento contra-revolucionário, de tal mode que as suas conferências da *Internacional* que dariam razão ao tremendo libelo contra o Marquez d'Avila, terão de ser encaradas, para uma boa análise,

POLITICA

por aquele modo que António Sardinha exprime, com muita verdade afirmando que o socialismo filosofico do poeta, «desguarnecido de todo o filantropismo revolucinario, não era senão a luta contra os excessos do Capitalismo pela conquista legal dos direitos do Trabalho».

Antéro não pode ser considerado portanto um socialista vulgar e não são raras mesmo as suas duvidas e até tremendas condenações á democracia, mascarando e disfarçando o capitalismo vicioso que imperava no seu tempo. Assim numa carta a Fernando Leal interrogava — «O que dará a democracia? Quem poderá dize-lo! E' o escolho onde até hoje tem naufragado todas as sociedades».

E' Antéro ainda quem em Portugal se ergue em defesa do Estado Pontificio que o espirito liberal de então á mão armada assalta e pretende, com a diminuição do dominio territorial, destruir e levar ao esquecimento dos homens a Religião de Cristo que ha tantos séculos imperava sobre o mundo. E louva com nobreza e desassombro de velho cristão a atitude de Pio IX conduzindo a Igreja a «cair inteira, mas não a render-se» perante o desacato liberal á sua instituição secular.

Por todas estas nobres razões é que, quando ainda não vão longe os écos da recente consagração á memória de Antéro, desejaríamos transpôr o pórtico do recinto onde os aplausos ressoaram unânimes para glória do poeta e do pensador, trasladando para aqui o que António Sardinha escreveu ao terminar o seu ensaio de *Ao principio era o verbo* — «se nós somos, de certo modo, o partido póstumo de Oliveira Martins, porque é que não havemos de contar Antéro de Quental entre os nossos camaradas mais velhos?»

A. de Mendonça-Dias

EXPEDIENTE

Vamos proceder á cobrança das assinaturas de *Politica*. Agradecemos aos nossos amigos e assinantes satisfazerem-na com a maior brevidade.